

O ENSINO DO FRISBEE NA EDUCAÇÃO FÍSICA: LANÇANDO OS PRECONCEITOS E PROMOVENDO A CO-EDUCAÇÃO

]

Julio Cesar Botelho
Ana Lúcia Cardoso

RESUMO

O trabalho tem como tema: O ensino do frisbee aos alunos e alunas, do ensino médio, tematizando as questões de gênero na Educação Física. Com objetivo geral: analisar se o ensino do frisbee na Educação Física, enquanto esporte não hegemônico pode favorecer na realização de aulas co-educativas. O tipo de pesquisa utilizada foi à pesquisa-ação, que foi realizada em uma escola da rede pública de SC, Brasil, em uma turma do 1º ano do ensino médio noturno com 27 alunos e alunas. As aulas foram elaboradas e aplicadas na concepção crítico-superadora.

Palavras-chave: Frisbee. Educação Física. Co-educação.

ABSTRACT

This work has as theme: The teaching of Frisbee to the students boys and girls at high school, discussing the issues of gender in physical education. The general objective: to analyze the teaching of Frisbee in Physical Education, while not hegemonic sports it can foster lessons in co-educational classes. The type of research interactive, and was held in a public school in SC, Brazil, in a class of 1st year of high school with 27 students at night classes. The lessons were elaborated and applied in the conception “crítico-superadora”.

Keywords: Frisbee. Physical Education. Co-education.

RESUMEN

El trabajo tiene un tema: La enseñanza de Frisbee a los estudiantes de la escuela secundaria, examinó las cuestiones de género en la educación física. El objetivo general: analizar la enseñanza de la Educación Física en frisbee, aunque no hegemónica el deporte puede promover la realización de clases co-educativas. El tipo de investigación se utilizó para la investigación-acción, que se celebró en una escuela pública en SC, Brazil, en una clase de 1er año de la escuela secundaria con 27 estudiantes de la noche. Las clases se han desarrollado y aplicado en el diseño “crítico-superadora”.

Palabras clave: Frisbee. Educación Física. Co-educación.

INTRODUÇÃO

A sociedade é composta por indivíduos e, cada vez mais, necessita-se construir uma proposta crítica sobre a prática da Educação Física, nas unidades

escolares, a fim de acompanharmos a sua transformação. A nossa responsabilidade na formação dos cidadãos mais ativos, críticos, participativos, responsáveis são cada vez maiores. Questões relacionadas ao gênero e sexualidade fazem parte da rotina escolar, portanto devem ser matérias de análise por parte dos professores.

Nesse sentido, se torna necessários estudos na área da Educação Física que abordem e aprofundem temáticas que envolvam questões como as que foram citadas anteriormente.

A escolha do tema para ser pesquisado, por mim, tem relação com as questões vivenciadas na minha infância. Pois, quando estava na escola as aulas de Educação Física eram ministradas da seguinte forma: um professor para os meninos e uma professora para as meninas nessa época achávamos tudo isso “natural”.

Durante o estágio numa escola da rede pública estadual, percebi que a divisão se repetia, ou seja, a separação entre meninos e meninas, nas aulas de Educação Física. Após vivenciar algumas aulas em que tive a oportunidade de aplicar uma concepção crítica, trabalhando a questão do gênero em aulas co-educativas, evidenciou-se ainda mais este problema.

Diante destas questões defini como tema deste estudo O ensino do frisbee aos alunos e alunas, do ensino médio, tematizando as questões de gênero na Educação Física. E como problema o ensino do Frisbee na Educação Física enquanto esporte não hegemônico pode favorecer a realização de aulas co-educativas no ensino médio?

As questões norteadoras são: como ensinar o frisbee nas aulas de Educação Física, no ensino médio, a partir da concepção crítico-superadora? O que significa as questões de gênero e qual sua relação com a Educação Física? Perceber se o ensino de um esporte não hegemônico favorece a co-educação? Quais os limites e possibilidades de uma aula co-educativa? Qual a visão do professor de Educação Física, referente às questões de gênero e as aulas co-educativas? E as dos alunos e alunas?

Destaca-se como objetivo geral analisar se o ensino do Frisbee na Educação Física, enquanto esporte não hegemônico pode favorecer na realização de aulas co-educativas, no ensino médio. São objetivos específicos: analisar como os professores e professoras de Educação Física nesta escola, trabalham com a questão do gênero; verificar como os alunos e alunas envolvidos/as no processo, participam das aulas de Educação Física co-educativa; verificar qual a opinião/visão dos/as alunos e alunas com relação ao ensino do frisbee e os esportes hegemônicos; perceber se o ensino do frisbee favorece a co-educação.

A pesquisa de campo, na modalidade de pesquisa ação é a base deste estudo. Nesta pesquisa procura-se: “a) vincular o conhecimento da realidade, da própria prática, com a ação, e b) os sujeitos, que na pesquisa “tradicional” participam meramente como informantes, aqui atuam também como sujeitos pesquisadores de sua própria prática”. (BRACHT [et al.], 2003 p. 71).

CONCEPÇÃO CRÍTICO-SUPERADORA

“A luta da classe dominante é pela manutenção do status quo. Não pretende transformar a sociedade brasileira, nem abrir mão de seus privilégios enquanto classe social” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.24). Como podemos

perceber as classes que estão no poder desenvolvem estratégias, formas de alienação da sociedade para atender a seus interesses, mantendo sua posição no topo. E estas comandam a sociedade, a direção política, intelectual e moral. Uma verdadeira hegemonia.

A pedagogia funciona como teoria e método para construir as explicações da prática social e também sobre o que os homens fazem na sociedade, onde se dá a sua educação. Teoricamente, a pedagogia explica a educação como uma prática social num dado momento histórico, sendo ela capaz de desvendar a sua complexidade, globalidade e conflitividade. A relação da pedagogia com os interesses da classe trabalhadora, si dá por meio de explicações convictas dos professores, demonstrando como a classe dominada idealiza a sociedade. A pedagogia crítico-superadora busca responder a determinados interesses de classe (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

Conforme o Coletivo de Autores (1992) a questão da historicidade é um eixo importante para a concepção crítico-superadora. É necessário que o aluno entenda que o homem não nasceu pulando. Essa e outras atividades, foram construídas em determinadas épocas históricas, como respostas a determinados estímulos, desafios ou necessidades humanas. A dimensão corpórea do homem se materializa nas três atividades produtivas da história da humanidade, que são: linguagem, trabalho e poder.

Diante do exposto, ao contrário das disciplinas que tratam de um conhecimento científico, tais como: História, Matemática e Geografia, a Educação Física usa da expressão corporal para transmitir aos alunos seu conteúdo, sendo assim não é justo que se possa pedir dispensa legalmente das aulas de Educação Física, pois prejudica a turma, o professor e o aluno dispensado (COLETIVO DE AUTORES, 1992).

QUESTÕES DE GÊNERO E CO-EDUCAÇÃO

Os primeiros estudos sobre a palavra “gênero” passaram a ser usada com a finalidade de demonstrar as construções sociais das diferenças entre homens e mulheres. Segundo Scott (1990 apud TAFARELL; FRANÇA, 1994, p. 237), “o gênero como um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre diferenças percebidas entre os sexos, sendo esse um dos primeiros modos de dar significado às relações de poder”. Isto nos mostra que a construção do gênero se dá também nas relações sociais. Estudos estes que dão ênfase ao problema da mulher, onde descobrir o alcance dos papéis e do simbolismo sexual nas diferentes sociedades e períodos, encontrar como eles funcionavam e qual era o sentido para manter a ordem social e modificá-la. (SCOTT, 1990 apud TAFARELL; FRANÇA, 1994).

Para Luz Júnior (2001) distinguir “gênero de “sexo” acaba se tornando fundamental nos estudos de gênero, pois mesmo tendo relações, estes termos permitem interpretações conceituais diferenciadas”. O gênero trabalha com o aspecto relacional entre homens e mulheres, analisando a construção social dessa relação, já o sexo indica e enfatiza o aspecto biológico dos indivíduos.

Para Connel (1995 apud LOURO, 1997, p. 22), “no gênero, a prática social se dirige aos corpos”. Tal conceito tenta mostrar como as características

sexuais são compreendidas e representadas ou, então, como são “trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico”.

As diferenças, as desigualdades, as distinções. A escola entende muito bem disso, ela na verdade produz estas questões. Já no início da escola, a mesma realizou uma ação distintiva, ela tratou de separar os sujeitos. Fazendo daqueles que nela entravam diferentes dos outros, que não tem acesso à mesma. Também tratou de dividir os que lá estavam inseridos, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. O modelo de escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou a separar os adultos das crianças, católicos de protestantes, ricos de pobres. E imediatamente separou meninos das meninas (LOURO 1997).

A CO-EDUCAÇÃO

A co-educação é vista como uma alteração de crenças ao falarmos do assunto com professores tradicionais no cotidiano da realidade escolar, não sendo vista como um objeto sério de investigação (SARAIVA 1999).

O receio dos professores de Educação Física quanto à co-educação são muitos. Na Alemanha, os mais freqüentes receios encontrados entre os professores de Educação Física têm relação com a implantação das aulas co-educativas. O argumento mais utilizado é: as especificidades motoras de cada sexo não seriam atendidas com êxito. Também há o fator do preconceito, com relação aos papéis sexuais na sociedade, principalmente em relação às meninas e moças (BRODTMANN e KUGELMANN, 1984 apud SARAIVA, 1999).

Segundo Saraiva (1999)

Seja então sob o conceito de co-educação, seja sob a idéia de aulas conjuntas com meninos e meninas, torna-se importante trazer para o campo das discussões e possibilidades pedagógicas as questões aqui levantadas, tais como: os papéis sexuais estereotipados, os anseios irracionais de dominação dos homens, a opressão tradicional da mulher e, principalmente, a ameaça ao direito de melhores condições e igualdade dos seres humanos no esporte e na Educação Física (p. 181).

Para Saraiva (1999) podemos relacionar alguns princípios norteadores de uma aula co-educativa:

Um acostumar-se gradativo na prática conjunta, evitando os conflitos. Evitar modalidades muito estereotipadas, não forçar a formação de grupos heterogêneos, promover a repetição de situações que possibilitem a ajuda ao outro;

Utilizar outras orientações de sentido esportivo, onde não há significado de rendimento e sobrepujança, explorando os significados “comunicativo”, “jogo”, “vivências sensoriais”, uma superação;

O professor/a deve agir de forma igual para com todos os alunos e alunas, devendo fazer as mesmas exigências para ambos os sexos, claro respeitando as diferenças individuais;
Enfrentamento dos problemas através do planejamento, pois os problemas ocorrerão, não devem ser evitados, devem ser enfrentados e discutidos em conjunto.

O ENSINO MÉDIO

O ensino médio no Brasil esta vivendo uma explosão de crescimento. Dois fatores de acordo com o INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais), a exigência é maior devido ao mercado de trabalho e a melhoria do sistema público brasileiro (DARIDO, 1999).

O ensino médio vem passando por várias mudanças no que diz respeito à discussão sobre qual é sua função. Ainda é muito forte a idéia atribuída, na década de 60, de que caracterizava o ensino médio como terminal, formação de técnicos para o mercado de trabalho ou a preparação para a universidade.

A escola pode ter relação com o mercado de trabalho, mas que isso não seja uma norma, uma ação linear. Uma ação linear seria conceder apenas à escola a função de adestramento, onde o domínio das técnicas ganharia primazia sobre a formação integral do aluno. Também, não se deve fazer o raciocínio inverso, e excluir a escola de qualquer responsabilidade pela formação profissional (FRANCO 1994 apud DARIDO, 1999).

Diante do exposto uma das possibilidades do ensino médio é a de fornecer oportunidades para capacitar o aluno a compreender o trabalho como categoria social e histórica, existindo nesta escola a preocupação em mostrar as formas diferentes de vivenciar as relações de produção e, conseqüentemente, suas desigualdades geradas.

E com relação a Educação Física no ensino médio, existem alguns estudos de diferentes autores relacionados ao tema.

Segundo Daólio (1986 apud DARIDO, 1994) procurou levantar a importância da Educação Física escolar para aquele adolescente que trabalha, na perspectiva psicológica. Mesmo que não muito tenha sido muito discutido em seu trabalho tal questão.

A aula de Educação Física para o aluno (trabalhador) oferece uma atividade pessoal, sem relação ao trabalho. Uma Educação Física com atividades de relaxamento, em oposição ao automatismo exigido pelo trabalho, com práticas de atividades prazerosas, totalmente diferente da rigidez e ao caráter repressivo de muitos trabalhos. Aula que favoreça a convivência em grupo e também que permita uma aprendizagem globalizante, aliando o cognitivo ao afetivo-vivencial (DAÓLIO, 1986 apud DARIDO, 1994).

Para Ávila (1995 apud DARIDO, 1999), implementar a proposta de atividades rítmicas e expressivas para alunas do magistério, devido a esta proposta alunas que antes não participavam passaram a participar, argumentando que agora não precisam jogar bola e competir para ver quem é o melhor, nos esportes coletivos.

Segundo Melo (1997 apud DARIDO, 1999), mostra que se deve trabalhar com uma variada gama de atividades, além dos esportes tradicionais. O autor implementou um programa para o ensino médio usando jogos. Os alunos acabaram avaliando positivamente, e afirmaram que estes conteúdos devem estar disponíveis nas aulas regulares de Educação Física.

Em algumas escolas, no ensino médio é oferecido opções de práticas corporais. Em uma determinada escola do estado de São Paulo, os alunos podem optar por práticas como: circo dança jogos, ginástica, lutas e capoeira. Em outra escola, a professora afirma que o número de alunas que pediam dispensa das aulas foi reduzido pela metade, pois além dos esportes considerados hegemônicos, podiam optar por aulas de ginástica, aeróbica e step.

Segundo Darido (1999), neste trabalho ficou evidente que podem ser experimentados sem nenhum problema, outros conteúdos no ensino médio, para além do basquetebol, voleibol, futebol e handebol, principalmente quando o aluno já experimentou no ensino fundamental atividades diferenciadas, eles tem condições de optar por atividades que lhe dão prazer e conhecimento.

Entre os pesquisadores, parece haver um consenso que a Educação Física, no ensino médio, deveria privilegiar o conhecimento teórico, a fim de fomentar elementos que garantam a autonomia, a reflexão do aluno quanto à cultura corporal de movimentos, mesmo que na prática concreta isto não ocorra com frequência (DARIDO, 1999).

A Educação Física no 2º grau deve proporcionar ao aluno conhecimento sobre a cultura corporal de movimentos, que implicam compreensão, reflexão, análise crítica, etc. A aquisição de tal corpo de conhecimentos deverá ocorrer em relação às vivências das atividades corporais com objetivos vinculados ao lazer, saúde/bem estar e expressão de sentimentos (DARIDO, 1999, p. 140).

A Educação Física, nesta perspectiva, nos mostra que deve ser aplicada no ensino médio, sempre evidenciando algo. Não sendo aplicada sem motivo.

Em relatos de suas experiências numa escola particular de São Paulo, baseado na proposta crítico-superadora a autora lembra que “o ensino médio sempre privilegiou a prática dos esportes não considerando os demais componentes da cultura corporal, o que precisa ser realizado” (TEDESCHI, 1997 apud DARIDO, 1999, p. 140).

O ESPORTE FRISBEE

Existem inúmeras versões que falam sobre o surgimento do esporte frisbee, porém todas concordam que esse esporte surgiu por acaso.

Segundo Duarte (1996), a versão mais bem aceita pelos pesquisadores relata que o frisbee surgiu em uma cidade do estado de Connecticut, nos Estados

Unidos, em 1871. Quando então William Russel Frisbie, instalou uma confeitaria com o nome de: “Frisbie Pie”, que em português significa tortas Frisbie.

As crianças que freqüentavam esta confeitaria, ao terminarem de comer a torta, atiravam as formas de papelão para o ar, era aquela diversão, tanto é que acabou virando moda, conseqüentemente competição. Na década de 1940, Walter Frederick Morrisson trocou o papelão por plástico. Uma fábrica de brinquedos americana gostou tanto da brincadeira que industrializou o disco de plástico recebendo, então, o nome de frisbee (DUARTE, 1996).

Também há outra versão mais moderna diz que, os criadores do frisbee foram dois entregadores de pizza da Califórnia, que ao lançarem as formas das pizzas ao ar, estas ganhavam altitudes e giros fantásticos. A moda acabou pegando (DUARTE, 1996).

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

O Campo de Pesquisa

Antes da atuação, tive a oportunidade de observar a turma em duas aulas e percebi que os alunos fazem uma aula em conjunto e outra aula livre para escolherem uma atividade qualquer. Entre todas as três turmas que observei no ensino médio, esta possuía maior divisão entre garotos e garotas, talvez devido a forma como participavam nas séries anteriores. Este foi o motivo da escolha desta turma.

As aulas observadas se fundamentaram na concepção crítico-superadora.

A Educação Física é uma disciplina que trata, pedagogicamente, na escola, do conhecimento de uma área denominada aqui de cultura corporal. Ela está configurada com temas ou formas de atividades, particularmente corporais, como nomeadas anteriormente: jogo, esporte, ginástica, dança ou outra, que constituirão seu conteúdo. O estudo desse conhecimento visa aprender a expressão corporal como linguagem (COLETIVO DE AUTORES, 1995, p. 61-62).

No primeiro dia de aula estava muito ansioso, pois ia atuar como estagiário no ensino médio, e ainda havia muitas dúvidas. Pensava comigo, será que eles vão me ouvir, vão me respeitar? Bem o dia foi passando e no final da tarde, arrumei minhas coisas e fui para a escola. Chegando lá, conversei com o professor, que me disse que iria negociar com os alunos, eu daria minhas 6 aulas normalmente, depois nas próximas seis aulas eles poderiam escolher o que trabalhar. Fui para sala de aula.

Apresentei-me para os alunos, explicando que seriam 6 aulas trabalhadas com o esporte frisbee. Fiz todos os estágios desde a 1ª série do ensino fundamental, na mesma escola. Procurei passar para eles o quanto eu gostava de atuar naquela escola. Depois, perguntei se já ouviram falar ou viram o frisbee. Como eu já, esperava poucos conheciam e esse conhecimento era mínimo. Perguntaram se era a

mesma coisa que se joga para o cachorro. Respondi que era um disco e que este é jogado muito em outros países, ha várias modalidades, campeonatos, entre outros. Para termos uma noção melhor do esporte pedi para a próxima aula, que eles fizessem uma pesquisa sobre o frisbee onde aparecesse o seu histórico e principais modalidades, para discutirmos no próximo encontro em sala de aula.

Fomos para a quadra realizar a experimentação dos discos, primeiramente fiz uma breve apresentação. Na quadra, em círculo, falavam o nome e um movimento do que mais se identificava com eles, não deu muito certo mostraram uma certa vergonha, talvez por não me conhecerem, ainda. Distribui os discos, formaram vários grupos, mostraram muito interesse. No começo fizeram pequenos grupos separados garotos e garotas, depois foram organizando naturalmente grupos maiores com todos juntos. Surgiu falas do tipo: “que legal”, “que massa”, “imagina na praia”, “ia ficar legal com música”. Aprenderam rápido a maneira de se jogar, interfeiri algumas vezes para corrigir o lançamento. Jogaram basquete com os discos. Comentei sobre o ultimate mostraram muita curiosidade. Nessa aula ficaram só experimentando, livremente. Foi uma ótima aula.

O professor/a deve agir de forma igual para com todos os alunos e alunas, devendo fazer as mesmas exigências para ambos os sexos, claro respeitando as diferenças individuais dentro de cada um (SARAIVA,1999).

No segundo dia de aula, eu já estava bem mais confiante porque no primeiro dia senti uma boa recepção dos alunos e alunas. Chegando à sala, fui na frente e perguntei sobre a pesquisa. Quatro alunas e um aluno fizeram à pesquisa, trouxeram até um campo desenhado. Pedi para lerem, uma menina leu sobre o histórico e sobre a modalidade ultimate. Aprofundei um pouco mais questão da história, principalmente quando falei da parte sobre como se deu o primeiro passo, em uma confeitaria jogando-se os pratos das tortas, acharam muito interessante. Falei sobre as várias modalidades como o estilo livre, golfe, em dupla, ultimate, entre outras. Demonstraram muito interesse. Fizeram muitas perguntas e ficaram impressionados. Um rapaz falou “Como é que pode, nunca vi nada disso em nenhum lugar”. Falei que a mídia não divulga pois é um esporte que não tem patrocínios. Dei o exemplo do futebol, que no Brasil é amplamente divulgado. Estava programado para este dia uma atividade de pegada e arremesso, mas como estava chovendo e a escola não possui uma quadra coberta, como a maioria das escolas públicas, antecipei a apresentação do vídeo sobre o frisbee, onde o mesmo aborda mais a modalidade do ultimate. Apresentei o vídeo. Muitas perguntas foram feitas sobre os fundamentos e regras do esporte, gostei muito pois demonstraram um grande interesse, foi até surpreendente para mim. Falei as principais regras e fundamentos do ultimate frisbee, como passe, ponto, campo, tempo, entre outras. Ressaltei que no vídeo jogavam garotos e garotas no mesmo time, um aspecto muito interessante, talvez, devido ao fato deste jogo não permitir o contato físico. Perguntaram-me quanto tempo tinham para passar o disco. Não tinha certeza do tempo, mas me comprometi em trazer para próxima aula a resposta. Um aluno no fundo da sala disse “estou louco pra jogar”. Achei muito legal, e falei que iríamos jogar, mas primeiro iríamos aprender alguns fundamentos importantes.

A chuva já tinha parado, tínhamos mais uns 10 minutos de aula. Fomos para o pátio jogar um pouco, novamente deixei livre, pois não tínhamos muito tempo. Foram formados três círculos com garotos e garotas. Uma aluna fez uma fala bem interessante durante as atividades: “professor isso é muito emocionante”, “não dá vontade de parar”.

Três alunos não fizeram à aula prática, perguntei porque não queriam fazer? Eles me responderam que trabalharam o dia inteiro e estavam muito cansados. Mais uma característica da escola pública e do período noturno, onde os jovens têm que trabalhar para ajudar a família e estudar a noite.

O autor propõe que as aulas de Educação Física para o aluno /trabalhador ofereça uma oportunidade para uma atividade pessoal, em contrapartida ao trabalho; uma Educação Física que permita ao adolescente um relaxamento, com a intenção de fazê-lo perceber seu corpo, em oposição ao automatismo que o trabalho que o trabalho muitas vezes exige; uma Educação Física que permita ao aluno a prática de atividades prazerosas, em oposição à rigidez e ao caráter repressivo de muitos trabalhos; aulas que permitam aos alunos convivência e relacionamento em grupo, já que o trabalho muitas vezes, não permite estas possibilidades; e também aulas que permitam uma aprendizagem globalizante, que aliem o cognitivo ao afetivo-vivencial (DAÓLIO, 1986 apud DARIDO, 1999, p. 139).

No terceiro dia, fez muito sol, e pensei: ainda bem que tenho aula prática. Como nem tudo é perfeito, no caminho para escola, choveu muito, impossibilitando a utilização da quadra da escola, nem mesmo o pátio poderia ser usado pois a chuva era intensa. Chegando à sala esclareci algumas dúvidas que ficaram da última aula, principalmente o questionamento sobre qual tempo para passar o disco, que é de 10 segundos. Esclarecido as principais dúvidas, fomos para o pátio onde tem uma parte coberta, onde fica o refeitório e tem 4 mesas grandes com banco. Nesse mesmo dia levei um disco de frisbee oficial que comprei pela internet e que não foi muito fácil de comprar, foi difícil de achar e o preço não era muito bom, por isso mesmo estava ansioso para usar na aula. Mesmo com chuva alguns alunos quiseram experimentar o disco, acharam o máximo, me perguntaram onde comprar, falei que infelizmente só pela internet, me comprometi em passar os sites para eles. Falas: “Esse disco é muito bom!”, “porque que choveu! Estava louco para jogar frisbee”. Lembrando que os discos que estou usando para realizar os estágios foram comprados também pela internet, mas são bem menores e leves, com um custo bem menor.

Quarta aula: para este dia, como estava com o tempo bom, trabalhei a aula que fora planejada, já que esta seria a 4ª aula e faltavam mais 2 aulas, por isso quis aplicar a iniciação e o jogo ultimate. Levei um material impresso que preparei com as principais regras e fundamentos do ultimate. Esclareci as dúvidas do material e fomos para quadra. Pedi para que se organizassem em grupos com 4 pessoas. Formou-se 3 grupos só com meninas, 1 grupo com meninos e 1 grande grupo, onde tinham meninos e meninas. Pedi para fazerem o arremesso “backhand” e pegar no estilo jacaré (com as duas mãos). Passei em cada grupo e expliquei como colocar o corpo lateralmente para que o disco saia com uma precisão maior, depois mostrei a outra pegada (siri, com uma só mão), demonstrei para cada grupo o arremesso “sidearm” que tem um grau de dificuldade bem maior. Tinha

programado, para esta aula fazer um jogo de 10 passes como uma forma de aproximação do ultimate, mas o tempo estava curto, então passei com o disco oficial em cada grupo para que experimentassem. Muitas falas: “que diferença, muito bom!”, “na próxima temos que jogar, né professor?” “tenho que comprar um destes”.

Um fato diferente nesta aula: um dos disco quebrou totalmente, ia jogar fora, alguns alunos me pediram, “não professor, vamos tentar arrumar”. Para minha surpresa, eles conseguiram, com muita fita, consertar o disco, foi melhor ainda, quando os vi jogando, no intervalo.

No penúltimo dia de aula estava um pouco nervoso, foi um dia bem peculiar em meu estágio. Durante o dia sol e calor e a noite, aquela ameaça de chuva constante. Sempre naquela torcida para não chover! Cheguei à sala, os/as alunos e alunas muito ansiosos e ansiosas, “Hoje vamos fazer jogo?” Já me perguntaram na minha entrada, respondi sim, que iríamos fazer jogo de 10 passes e nele jogo utilizaríamos muitas regras do ultimate. Fomos para quadra e imagina só, o vento estava soprando mais forte. Essa turma é bem grande, reuni os alunos e alunas no centro da quadra, organizamos 4 equipes de 6 pessoas com garotas e garotos, como tinha 2 discos oficiais, consegui mais um emprestado. Dividi a quadra em 2 partes para comportar as equipes. Expliquei no centro da quadra para as 4 equipes ao mesmo tempo, o Jogo são 10 passes, mas para dar certo reduzi para 5, ficou um pouco apertado, jogaram um pouco assim, eu ia parando e explicando a regra: não andar quando em posse do disco e evitar o contato físico. Como estava muito tumultuado, conversamos e decidimos fazer a quadra toda e a cada 2 pontos trocavam as 2 equipes, ficou bem melhor. Imagina o que poderia acontecer? Começou a chover! Uma chuva bem fininha, eles e elas ignoraram a chuva e continuaram jogando. Observei um problema, alguns rapazes estavam passando o disco somente entre eles, parei e estipulei que não podiam passar e voltar o disco para os mesmos. O jogo fluiu normalmente, com os alunos e alunas que estavam esperando, jogando o frisbee em roda.

Faz-se necessário que o professor de educação física intervenha e problematize as situações que acontecem nas aulas, objetivando fazer com que “Moças e rapazes devem capacitar-se nas aulas de Educação Física, esquecendo as diferenças, em uma prática conjunta do esporte, onde esta prática possa ser participativa e sentida como algo positivo” (BRODTMANN e KUGELMANN, 1984 apud SARAIVA, 1999, p. 182).

Quase no final da aula, começou a chover forte, fomos para sala. Tínhamos apenas 5 minutos, perguntei se gostaram. Responderam, quase todos: “sim professor”, eu falei, na próxima aula vamos fazer o ultimate com as regras oficiais. Ouvi manifestações do tipo: “vai ser muito massa!” e “deve ser legal”. Despedi-me da turma.

Esse era meu último dia na escola. O sinal acabara de bater, cheguei à porta da sala e os alunos e alunas estavam esperando, mas o professor titular não estava, achei um pouco estranho pois ele está sempre na sala, até mesmo antes do sinal bater. Iniciei uma conversa com todos, falei que seria o último dia. Neste momento o professor titular entra acompanhado do meu professor do estágio, a fim de observar e avaliar a minha aula. O professor titular apresentou-o à turma. Houve várias brincadeiras por parte dos alunos como: “O que é mesmo que estamos fazendo?”, “Vai ser aula livre de novo?”, “Como é mesmo o nome do disco?”. Enfim, um clima de descontração que estava presente em todas as minhas aulas,

fomos para quadra, pedi ajuda para o professor titular para que organiza-se as equipes, ele sabia bem onde estavam as “panelinhas”, deu 4 equipes todas compostas por meninos e meninas, visando consolidar uma aula co-educativa.

Entendo que uma aula co-educativa se diferencie de uma aula mista, por tratar-se de um acostumar-se gradativo na prática conjunta, evitando os conflitos, portanto devem-se evitar modalidades muito estereotipadas, não forçar a formação de grupos heterogêneos e promover a repetição de situações que possibilitem a ajuda ao outro (SARAIVA, 1999).

Para que todos jogassem, jogou 2 equipes até fazer 3 pontos no total ou 7 minutos, deu tudo certo. Quanto ao jogo ultimate parei para esclarecer algumas dúvidas, mas tudo caminhou normalmente, não houve muitos problemas. Parei há aula alguns minutos antes. Perguntei, o que acharam das aulas? E do frisbee? A resposta foi muito positiva: “professor é bem legal”, “qualquer um pode jogar”. Destaquei a idéia que esse é um esporte muito popular em outros países, mas no Brasil não havia nenhuma divulgação pelos órgãos de imprensa, porque não era um esporte que traz lucros. Falei da questão de todos jogarem sem problemas, meninos com meninas, mais fortes fisicamente com os mais magrinhos. Eles gostaram muito disso. Também uma questão muito importante é que o ultimate é um jogo de auto arbitragem, os jogadores têm que ser honestos e reconhecer as próprias faltas, isso foi bem interessante pois as faltas aconteceram e todos souberam reconhecer o erro “Isso é bem diferente professor, achava que não dava certo”, “tem que ser honesto mesmo!”, falou um garoto. E no final da aula, realizamos um sorteio de um disco de frisbee, que meu professor ajudou a fazer. Foi bem gratificante, cada dia de estágio era uma vitória, uma satisfação pessoal inexplicável.

As Falas dos Alunos e Alunas

O instrumento de pesquisa foi o questionário, que foi aplicado para 10 alunos e alunas sendo 5 meninos e 5 meninas, na turma do 1º ano do ensino médio noturno que tem um total de 27 alunos.

Como primeira pergunta, foi questionado se eles e elas tinham gostado de aprender o frisbee na Educação Física? 100% do/as alunos/as, responderam que era bom aprender um esporte diferente, que nunca tinham visto e falaram que era muito bom e interessante.

Foi perguntado se eles e elas tinham gostado de fazer aulas sobre o frisbee em conjunto garotos e garotas? 100% dos alunos e alunas, justificaram que facilita e promove a convivência em grupo, 1 menino respondeu que foi “diferente”, 1 menina disse: “muito massa, foi legal” e 1 menino apontou que não tinha “agressão”.

Em seguida, foi perguntado se seria mais fácil a realização da aula de Educação Física se ao invés do frisbee fosse ensinado o futebol ou o vôlei, em conjunto, garotos e garotas? 30% responderam que sim, porque já estão habituados. 70% responderam que não. Para 3 meninos e 1 menina foi algo diferente, uma coisa nova que facilitou as aulas em conjunto. Uma menina disse que o futebol e o vôlei têm muitas regras para “gravar”.

Também foi perguntado como era a relação com os colegas nas aulas de Educação Física. 100% dos/as alunos/as responderam que era boa, alguns relatos como: “ ficamos mais unidos”, “um momento de descontração”.

As aulas de Educação Física devem ser separadas, garotos e garotas? Diante desta pergunta 40% responderam que sim, justificaram que as meninas

podem se “machucar”. Nesta questão, podemos relacionar com a idéia corrente em nossa sociedade onde a mulher é vista como sexo frágil. O restante disse que não e justificaram que, as aulas em conjunto ajudam a unir a turma. Que seria sem graça. Um menino disse que não deve ser separado, mas pode machucar as meninas, questão vista anteriormente. Houve uma justificativa muito interessante de 1 menino, “como vamos nos adaptar ao estilo delas de jogar, pois separando só irá aumentar a rivalidade e o machismo”.

Com relação à problemática da separação nas aulas de Educação Física, um fato me chamou bastante à atenção, é que muitos professores e professoras evitam certos jogos considerados “agressivos” com muito contato físico. A justificativa é que tais jogos vão contra a feminilidade, melhor dizendo se opõem a um determinado ideal feminino heterossexual, ligado à passividade e a graça, pois podem “machucar”. Isto faz com que as meninas desenvolvam para o resto de suas vidas uma espécie de “timidez corporal” (LOURO, 1997)

Como última questão, quais foram os pontos positivos e negativos das aulas de frisbee com garotos e garotas? Como pontos positivos o mais relatado foi que foram aulas muito divertidas. Disseram, ainda, que “todos jogaram juntos”, “união, saber jogar sem preconceito”, “unidos em grupo” e “todos estão no mesmo nível”.

Como pontos negativos, algumas pessoas estragaram os discos; os meninos em alguns momentos, não passaram o disco para as meninas e ainda algumas discussões. Um menino concluiu: “ainda há machismo, os meninos reclamaram das meninas na questão da força”.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa de campo foi realizada com intuito de investigar se o ensino do frisbee, nas aulas de Educação Física, no ensino médio, contribui para a realização das aulas co-educativas enfatizando as questões de gênero.

A escola onde foi realizada esta pesquisa-ação pertence à rede Pública Estadual, no município de Cocal do Sul. Devido aos estágios anteriores, nesta mesma escola, as questões de gênero ficaram evidentes e isto incomodava-me muito pois, na atualidade, realizar as aulas de Educação Física de forma separada, fomenta os preconceitos e reforça a separação cada vez maior entre homens e mulheres.

Tais fatos, não podem ser vistos como uma coisa “natural” onde meninos e meninas se separam na escola e, às vezes, eles e elas se agrupam para brincar e trabalhar.

Como metodologia de ensino foi utilizada a concepção crítico-superadora, onde o professor necessita ter um bom domínio sobre o assunto, não só no aspecto técnico, mas no histórico também, estas informações precisam ser passadas para os alunos e alunas, para a partir daí superá-las.

O professor de Educação Física antes de preparar as aulas deve conhecer bem os alunos, a comunidade em que vivem, a realidade da escola, respeitando as diferenças de cada um, em fim precisa diagnosticar a turma e traçar seus objetivos.

Ao contrário dos estágios anteriores, as aulas eram ministradas de maneira tradicional, meninos separados das meninas e utilizando somente os quatro esportes hegemônicos (vôlei, basquete, futebol e handebol). Contudo, no ensino médio, o professor trabalha numa concepção crítica. Por isso, escolhi para realizar a pesquisa-ação uma turma do 1º ano, pois estão menos habituados a esta metodologia.

Ao apresentar aos alunos e alunas o esporte frisbee houve certo impacto. Já nas primeiras aulas, os meninos e meninas, mesmo que timidamente, experimentaram os discos em conjunto, depois houve um completo envolvimento.

O objetivo das aulas era aprender alguns fundamentos básicos do frisbee para então chegarmos no “ultimate frisbee” um dos principais esportes jogados com disco. Neste esporte onde o contato físico não é permitido é possível jogar meninos e meninas sem problemas e por se tratar de um esporte novo para eles e elas, a experiência e habilidade eram as mesmas.

O aspecto co-educativo foi alcançado com êxito, devido à participação quase que total dos alunos e alunas. Percebeu-se pelas falas dos alunos e alunas, durante as aulas, que eles entenderam o objetivo deste esporte, principalmente quando diziam “Jogamos de igual para igual e juntos nos divertimos”. Ao contrário do estágio anterior, onde trabalhei com alunos e alunas de 5ª à 8ª séries, o projeto tinha a finalidade de promover a co-educação, por meio dos esportes futsal e o vôlei.

Durante toda a pesquisa-ação, percebi que o professor encontra-se numa posição privilegiada e ao mesmo tempo, com uma responsabilidade enorme, pois dependendo da sua postura frente às diversas situações no cotidiano escolar, seus alunos carregarão os sentimentos, sejam estes bons ou ruins, pelo resto de suas vidas. Queremos alunos e alunas críticos e críticas, participativos e participativas, que respeitem as diferenças e não simplesmente reprodutores de um modelo de sociedade atual. Queremos uma sociedade mais igualitária, com oportunidades para todos e todas.

REFERÊNCIAS

BRACHT, Valter. Pesquisa em ação. Educação Física na escola. Ijuí: Unijuí, 2003.

BOGDAN, Robert. BIKLEN, Sari. Investigação qualitativa em educação. Portugal: Porto Editora Ltda., 1997.

COLETIVO DE AUTORES, Metodologia do ensino de educação física. São Paulo: Cortez, 1992.

DARIDO, Suraya Cristina. Educação Física no Ensino Médio: Reflexões e Ações. Motriz, vol.5, n.2, dezembro/1999.

DUARTE, Orlando. Todos os esportes do mundo. São Paulo: Makron Books, 1996.

LOURO, Guaciara Lopes, Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LUZ JÚNIOR, Agripino Alves. Educação Física e Gênero: olhares em cena. São Luís: Imprensa Universitária/UFMA/CORSUP, 2003.

SARAIVA, Maria do Carmo. Co-educação física e esporte: Quando a diferença é mito. Ijuí: UNIJUÍ, 1999. 208 p.

TAFFAREL, Celi Neuza Zulke; FRANÇA, Tereza Luiza de. A mulher no esporte: o espaço social das praticas esportivas e de produção do conhecimento científico. Revista Brasileira de Ciências do Esporte – Santa Maria. V. 15, n. 3 p. 235 – 246, 1994.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa-ação. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

Julio Cesar Botelho

Licenciado em Educação Física pela Universidade do Extremo Sul Catarinense

Ana Lúcia Cardoso

Mestre em Educação Física pela UFSC e professora do curso de Educação Física da UNESC